



*Las reformas educacionales de la dictadura civil militar consolidadas en la década de 1970, en Brasil, se basaron en la ideología del capital humano. A partir de ese momento se inició una inversión del ingreso en la enseñanza universitaria pública y privada, cuyo auge se dio en la década de 1990, en el contexto de la hegemonía de las tesis neoliberales. En el año 2000 la Organización Mundial de Comercio señaló que el mercado de la enseñanza era el más próspero para el lucro. A partir de entonces se consolidaron grupos corporativos que promueven una universidad mercadológica. Se trata de una educación para el mercado, cuya vocación consiste más en excluir que en incluir, y en maximizar la explotación sobre aquellos que incluye.*

**Gaudêncio Frigotto**

Doutor em Educação. Professor do Programa de Pós-graduação em Políticas Públicas e Formação Humana na Universidade do Estado do Rio de Janeiro • Brasil  
gfrigotto@globo.com

# Universidade mercadológica: novo espaço de acumular lucro e alienação



Foto Salvador Scofano Imprensa/RJ



**D**esde que o capitalismo tornou-se o sistema mundial de relações sociais de produção o capital constituiu-se na força dominante a que tudo tende submeter com o objetivo de geração não apenas de lucro, mas de lucro maximizado. Sob a falsa ideologia de uma natureza humana sem história a qual dotaria a todos os seres humanos da busca do bem próprio, guiados pela princípio do prazer e da dor, o mercado foi erigido como uma espécie de um “deus” que, por linhas tortas, levaria a sociedade ao equilíbrio e à igualdade. O pai da economia na ótica do capital, Adam Smith, traduziu esta ideia com a figura do mercado como uma mão invisível que tudo ordena na direção do equilíbrio.

A história do capitalismo evidenciou e evidencia tudo ao contrário: concentração de riqueza e capital, monopólio privado da ciência e das comunicações e expansão da desigualdade entre nações e no interior dos países entre classes, grupos e indivíduos. O historiador Eric Hobsbawm (1995) ao fazer o balanço do século XX deu como título do livro de *Era dos extremos - o curto século XX (1914-1989)* justamente para caracterizar que sem regular o mercado o capital se transforma numa força bruta, cuja única ética é a do lucro.

O problema crucial para o capitalista é, todavia, colocar no mercado e vender o quanto antes as mercadorias ou os serviços que produz, sem o que não realiza o lucro. Este será tanto maior quanto mais explorar a força de trabalho que compra e desbancar seus concorrentes. A crise para o capital dá-se, pois, quando não pode realizar o lucro. Por isso a tendência é de diversificar seu investimento e de buscar novos espaços, hoje no plano mundial, tendo como parâmetro fundamental o lucro. Isto mesmo que custe a milhões de seres humanos a negação dos mais elementares direitos (comer, ter um teto, tratar da saúde, locomover-se) e destruição crescente das bases da vida pela deteriorização do meio ambiente.

**A crise para o capital dá-se, pois, quando não pode realizar o lucro. Por isso a tendência é de diversificar seu investimento e de buscar novos espaços, hoje no plano mundial, tendo como parâmetro fundamental o lucro. Isto mesmo que custe a milhões de seres humanos a negação dos mais elementares direitos (comer, ter um teto, tratar da saúde, locomover-se) e destruição crescente das bases da vida pela deteriorização do meio ambiente.**

Observando esta lógica, Hobsbawm assinala a questão central do século XXI para o futuro da humanidade.

*Se pensarmos em termos de como “os homens fazem a própria história”, a grande questão é a seguinte: historicamente comunidades e sistemas sociais buscam a estabilização e a reprodução criando mecanismos contra saltos perturbadores no desconhecido. Como, então, humanos e sociedades estruturados para resistir às transformações dinâmicas se adaptam a um modo de produção cuja essência é o desenvolvimento dinâmico interminável e imprevisível? (Hobsbawm, 2010, p. 4-6).*

À universidade, dentro do ideário republicano, mesmo nos marcos das relações sociais capitalistas, caberia a produção do conhecimento que interroga esta lógica cada vez mais destrutiva e que vem levando o mundo e nossa sociedade num terreno de tensões e violência crescentes e de futuro imprevisível. Pensando em nossa realidade da década de 1990, onde o ideário do pensamento único reduziu os cidadãos a consumidores e

abriu-se o espaço da universidade mercadológica, Francisco de Oliveira sublinha o papel republicano da universidade pública.

*A Universidade é o lugar da produção do dissenso, em primeiro lugar, dissenso do “pensamento único”. Passo insubstituível para produção de um novo consenso sobre a Nação que é obra da cidadania, mas que pede e requisita a universidade para decifrar os enigmas do mundo moderno (Oliveira, 2005, p.70).*

### **Universidade mercadologia: problematizando a expressão do pensamento único**

A universidade mercadologia é tudo ao contrário. É expressão do pensamento único da soberania do livre mercado, produtora de alienação econômica, política, social e cultural e o novo espaço do capi-



Foto Cesar Duarte / Tyba

tal auferir lucros fáceis cobrando mensalidades e cada vez mais apropriando-se do fundo público. Sua gênese começa com a formulação da tese da educação como capital humano do economista Robert Schultz (1973) no contexto da preocupação com a expansão do socialismo, em particular após a revolução cubana.

Para Schultz, os países subdesenvolvidos e os indivíduos pobres teriam no investimento da educação a chave para sair desta situação. Por desconsiderar a assimetria nas relações de poder entre classes e grupos sociais, Schultz não poderia levantar a questão seguinte: os países subdesenvolvidos e os pobres assim o são por que não investem ou investem pouco em educação ou justamente não podem investir em educação por serem países mantidos no subdesenvolvimento e os indivíduos por serem pobres?

As reformas educacionais da ditadura civil militar consolidadas na década de 1970 tiveram na ideologia do capital humano a pedra de toque. Foi a partir daí que começou estabelecer-se a inversão das matrículas no ensino universitário público e privado. Mas é na década de 1990, já no contexto da hegemonia das teses

neoliberais no Brasil e da venda do país mediante as privatizações, que esta inversão se maximiza.

No ano de 2000 a Organização Mundial do Comércio (COM) sinalizou que o mercado mais próspero para o lucro era o do ensino. No Brasil, numa rapidez enorme, o sinal foi entendido e a Universidade Estácio de Sá e a Universidade Paulista (UNIP) tornaram-se empresas gigantes no

mercado do ensino com mais de duzentos mil alunos matriculados, seguidas de outras. Em abril de 2013 ocorreu uma mega fusão das empresas Kroton Educacional S.A. e Anhanguera Educacional. O valor da transação foi avaliado no mercado em R\$ 14,1 bilhões e o grupo passa a controlar 800 unidades de ensino superior e 810 escolas privadas associadas à educação básica, em todo do Brasil<sup>1</sup>.

A universidade mercadológica reduz o direito social e subjetivo da educação a um serviço pautado pela mimese da mercadoria. A mercadoria é repetição do mesmo e, como tal, quando se dá no processo pedagógico anula o professor e o aluno como sujeitos e, portanto, a sua autonomia. A escolha do conteúdo, do método de ensinar e da forma de



Foto Felipe Corrêa Imprensa/RJ

educar e avaliar cabe aos gestores ou gerentes. Trata-se de uma educação para o mercado, mesmo que nunca se explique o que ele seja de fato: uma relação de força cuja vocação é mais excluir que incluir e de maximizar a exploração sobre os que inclui.

Por isso que a universidade mercadológica insiste em dizer que o aluno deve buscar as competências que o mercado reconhece e se ele não for incluído é porque não soube escolhê-las. O que tende a produzir a universidade mercadológica, como aponta Belluzzo, são subjetividades mutiladas e sociedades ilusórias.

*A especialização e a "tecnificação" crescentes despejam no mercado, aqui e no mundo, um exército de subjetividades mutiladas, qualificadas sim, mas incapazes de compreender o mundo em que vivem. (...) nas palavras de Marshall Berman, "transformam a ação humana em repetições rançosas de papéis pré-*

**Trata-se de uma educação para o mercado, mesmo que nunca se explique o que ele seja de fato: uma relação de força cuja vocação é mais excluir que incluir e de maximizar a exploração sobre os que inclui.**

**Por isso que a universidade mercadológica insiste em dizer que o aluno deve buscar as competências que o mercado reconhece e se ele não for incluído é porque não soube escolhê-las.**

*fabricados, reduzindo os homens a indivíduos médios, reproduções de tipos-ideais que incorporam todos os traços e qualidades de que se nutrem as comunidades ilusórias" (BELLUZZO, 2010).*

Não estariam sendo formados neste mercado universitário os "cientistas" que Randy Wayne Schekman, Prêmio Nobel de Medicina em 2013, acusa de manipularem resultados para favorecer interesses mercadológicos e publicá-los em revistas que se prestam a esse fim? Isto não seria um alerta às agências de fomento à pesquisa, mormente a CAPES, cujos esquemas de avaliação se pautam pela lógica produtivista dos mesmos organismos que incentivam o mercado do ensino superior? Mas, também, não seria um alerta aos programas de pós-graduação das universidades públicas do caráter socialmente letal desta lógica, pois a tendência é de produzir teses e dissertações

que seguem a mimese mercantil? 

1 Dados retirados em 02 de maio de 2014 de [WWW.revistaforum.com.br](http://WWW.revistaforum.com.br)

BELLUZZO, Luiz Gonzaga. **Escola e cidadania** Revista **Carta Capital** 29/08/2012.

HOBBSAWM, Eric. A era dos extremos. **O breve século XX (1914-1991)**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

HOBBSAWM, Eric. Política extrema. **Caderno Mais, Jornal Folha de São Paulo**. São Paulo: 18 de abril de 2010, p. 4-6.

OLIVEIRA, Francisco de. Em busca do consenso perdido: democratização e republicanização do Estado. In AUED, Bernardete Wrublewski (Org.). **Traços do Trabalho**. São Paulo: Casa do Psicólogo, Livraria e Editora, 2005.

SCHULTZ, Theodoro. **O capital humano**. Rio de Janeiro, Zahar, 1973.